

SETORES CRIATIVOS DA ECONOMIA NA REGIÃO METROPOLITANA DO VALE DO PARAÍBA E LITORAL NORTE

Mario Celso Felipe
Mônica Franchi Carniello

GRUPO DE TRABALHO: GT1: Desenvolvimento regional, planejamento, governança, controle social e gestão do território

RESUMO

Este artigo tem como objetivo analisar a relevância das empresas dos Setores Criativos na Região Metropolitana do Vale do Paraíba e Litoral Norte (RMVPLN). Trata-se de uma pesquisa de cunho qualitativo, com atividade exploratória. Foi realizado um levantamento das empresas dos Setores Criativos instaladas nos municípios da RMVPLN, utilizando as informações da base de dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) do ano de 2022. Os resultados demonstram que os setores criativos vêm ganhando relevância na região, com 145.959 empresas, destacando-se no Vale do Paraíba a participação dos municípios de São José dos Campos (28,9%), Taubaté (10,8%) e Jacareí (7,5%) e, no Litoral Norte, os municípios de São Sebastião (9,8%), Caraguatatuba (9,1%) e Ubatuba (7,6%). Espera-se que essa análise possa fomentar debates e reflexões voltados para modelos de negócios contemporâneos, considerando a nova ordem mundial, em que o local regional, diferenciado em cultura e identidade, se sobrepõe ao global.

Palavras-chave: Setores Criativos. Economia Criativa. Região Metropolitana do Vale do Paraíba e Litoral Norte.

INTRODUÇÃO

No contexto atual, os efeitos do desenvolvimento econômico nas regiões são assoladores. Por um lado, observa-se uma trajetória de sucesso e por outro uma devastação dos meios naturais. O impacto dos efeitos climáticos, deixam suficientemente claro que a expansão ilimitada em um planeta finito só pode levar a um desastre (Capra e Luisi, 2014). Sendo assim, o conceito de desenvolvimento econômico transcende o âmbito econômico e aponta para desafios ainda maiores, como a própria preservação do planeta. Neste contexto, cabe-nos buscar um modelo de desenvolvimento que contribua para a transformação das estruturas sociais e ambientais com uma melhor perspectiva para a humanidade, integrando preocupações ambientais com objetivos econômicos e sociais.

O desenvolvimento econômico deve atender às necessidades do presente, porém sem comprometer o legado para as gerações futuras. Para Furtado (1993, p. 148), “o desenvolvimento é um processo de ativação e canalização de forças sociais, de avanço de capacidade associativa, de exercício da iniciativa e da inventividade”. Nesse sentido, a atividade criativa surge como uma alternativa para um desenvolvimento que não impacte negativamente o meio ambiente.

A Economia Criativa (EC) é reconhecida como uma economia da transição, justamente por estar fundamentada na criatividade humana, recurso intangível e abundante (Bendassoli *et al.*, 2009). Ela serve de suporte a soluções inovadoras simples e complexas, tornando-se um importante movimento da indústria de consumo e integra as recomendações das Nações Unidas como estratégia de desenvolvimento econômico, em que diversos setores podem ser mobilizados como novas possibilidades para o desenvolvimento, diferentemente do modelo industrial tradicional.

Nesse contexto, o desenvolvimento econômico é visto de forma mais integrada e multidisciplinar, ou seja, abre-se um leque maior de oportunidades não apenas para o crescimento econômico, mas também para a saúde, educação, cultura, igualdade de gênero, inclusão social, governança e sustentabilidade ambiental (UNCTAD, 2010; Brasil, 2011).

O conceito da Economia Criativa vem sendo trabalhado considerando as especificidades de cada região no qual é difundido. Nesse aspecto, os diversos termos cunhados a partir dessa perspectiva, como cidades criativas, classe criativa, setores criativos, territórios criativos e indústrias criativas refletem a visão da importância da criatividade como o motor do desenvolvimento econômico e social (Botelho, 2011).

A Secretaria de Economia Criativa do Ministério de Cultura reconheceu o termo “Setores Criativos” como o que melhor se adapta à realidade brasileira. Entende-se como setores criativos “[...] todos aqueles cujas atividades produtivas têm como processo principal um ato criativo gerador de valor simbólico, elemento central da formação do preço, e que resulta em produção de riqueza cultural e econômica” (Brasil, 2011).

De acordo com a FIRJAN (2022), os 13 Setores Criativos estão agrupados em quatro áreas de atuação, conforme o Quadro 1.

Quadro 1: ÁREAS CRIATIVAS NO BRASIL SEGUNDO A FIRJAN (2022)

Consumo	Mídias	Cultural	Tecnologia
Design	Editorial	Patrimônio e Artes	P&D
Arquitetura	Audiovisual	Música	Biotecnologia
Moda		Artes Cênicas	TIC

Publicidade & Marketing		Expressões Culturais	
-------------------------	--	----------------------	--

Fonte: FIRJAN (2022)

O objetivo deste estudo é analisar a relevância desses setores da economia da Região Metropolitana do Vale do Paraíba e Litoral Norte (RMVPLN), tomando como referência as informações da Federação das Indústrias do Estado de Rio de Janeiro (FIRJAN).

Analisar os Setores Criativos da RMVPLN é de grande valia para a identificação de novas possibilidades de alavancar o desenvolvimento regional endógeno, orientando a criação de políticas públicas para o segmento. Espera-se também que essa análise possa fomentar debates e reflexões voltados para modelos de negócios contemporâneos, considerando a nova ordem mundial, em que o local regional, diferenciado em cultura e identidade, se sobrepõe ao global.

A ECONOMIA E OS SETORES CRIATIVOS

Em 2001, o economista britânico John Howkins cunhava e propagava o termo Economia Criativa em seu livro “A Economia Criativa: como as pessoas ganham dinheiro com ideias”. No entanto, muito antes, Joseph Schumpeter (1883-1950) já abordava em seus estudos a fonte de ganhar dinheiro com boas ideias, e também defendia a importância da inovação e da criatividade para o desenvolvimento econômico. Mais recentemente, outro economista, o americano Richard Florida, defendeu a ideia de que a criatividade e a inovação são fundamentais para o desenvolvimento econômico dos territórios e das regiões (Pacheco, 2023; Reis, 2008; Leitão 2023).

Com efeito, Florida acrescentou mais dinamismo ao termo Economia Criativa associando outros conceitos à teoria. Segundo o autor, outras áreas da ciência, como arquitetura e *design*, engenharia, educação, artes e música devem ser incorporadas no debate, pois todas têm a função econômica de criar novas ideias, novas tecnologia ou novo conteúdo criativo (Duisenberg, 2008).

Para Duisenberg (2008), a Economia Criativa apresenta-se com um papel social inclusivo, sendo a criatividade, e não o capital, sua força motriz. Essa abordagem se apresenta como uma opção viável e uma estratégia de desenvolvimento mais orientada a resultados para os países em desenvolvimento. Duisenberg (2008 pg. 61) argumenta que

Nos países em desenvolvimento, especialmente nos mais pobres, a economia criativa é uma fonte de criação de empregos, oferecendo novas oportunidades para a mitigação da pobreza. Atividades criativas, especialmente as ligadas às artes e às festas culturais tradicionais, geralmente levam a inclusão das minorias mantidas à

distância. Isso facilita a maior absorção de parcelas de jovens talentos marginalizados que, na maioria dos casos, envolvem-se com atividades criativas no setor informal da economia. Além disso, como muitas mulheres trabalham na produção de arte e artesanato, nas áreas relacionadas à moda e à organização de atividades culturais, a economia criativa também desempenha um papel catalítico na promoção do equilíbrio de gêneros na força de trabalho criativa. Logo, a economia criativa tem um papel inclusivo na sociedade (Duisenberg, 2008 p. 61).

Na opinião da autora, a Economia Criativa aparece como uma mudança na direção do desenvolvimento econômico convencional, que leva em consideração a centralidade na fabricação industrial e no comércio com foco nas *commodities* primárias, para “uma abordagem holística multidisciplinar, que lida com a interface entre a economia, a cultura e a tecnologia, centrada na predominância de produtos e serviços com conteúdo criativo” (Duisenberg, 2008, p. 62). Sendo assim, a interação entre a cultura e a economia vem sendo reformulada, trazendo o aumento das perspectivas de desenvolvimento econômico para muitos territórios.

Reis (2011) considera que “a Economia Criativa é, antes de tudo, economia e, economia pressupõe mercado”. Com efeito, a autora observa que vivemos em uma sociedade capitalista e que os agentes desse mercado serão sempre movidos pelo lucro (Reis, 2011).

Por outro lado, alguns autores que reforçam que a realidade econômica atual já não tem mais espaço e que é urgente buscar outras alternativas. Nesse sentido, Leitão (2023) reforça que a economia contemporânea se desloca na direção de outras e novas possibilidades e complementa afirmando que é necessário ampliar os significados da economia e de suas funções com outros conhecimentos. Para a autora, a Economia Criativa é constituída por “dinâmicas econômicas, culturais, ambientais, políticas e sociais dos bens e serviços criativos, que tecem redes e fazem comunidades com vistas à emancipação e ao desenvolvimento com envolvimento” (Leitão, 2023, p. 13)

Essas diretrizes foram reforçadas pela Conferência das Nações Unidas sobre o Comércio e Desenvolvimento (UNCTAD), que considera que a Economia Criativa se baseia nos ativos criativos, potencialmente geradores de crescimento socioeconômico e com poder de fomentar o crescimento econômico, a criação de empregos e os ganhos de exportação, ao mesmo tempo em que promovem a inclusão social, a diversidade cultural e o desenvolvimento humano.

Com relação à denominação Indústrias Criativas, Bendassolli *et al.* (2009) relatam que surgiu com o propósito de indicar os setores nos quais a criatividade é uma dimensão relevante do negócio. Por seu turno, Reis (2008) esclarece que o termo aparece inicialmente na Austrália, em 1994, inspirado no projeto *Creative Nation*, que enfatizou a contribuição do trabalho criativo na economia australiana e o impacto das novas tecnologias para o

desenvolvimento da produção cultural. Porém foi na Inglaterra que ele ganhou notoriedade, por conta da agenda política e econômica do país (Pacheco, 2023, p. 39).

O Ministério das Indústrias Criativas, criado no governo de Tony Blair, estabeleceu o marco legitimador da Economia Criativa. Foi realizado um levantamento e o mapeamento das atividades criativas, além da classificação das Indústrias Criativas em publicidade, arquitetura, mercado de artes e antiguidades, artesanato, *design*, *design* de moda, cinema, *softwares* interativos para lazer, música, artes, indústria editorial, rádio, TV, museus, galerias e as atividades relacionadas às tradições culturais (Reis, 2008).

A importância econômica das Indústrias Criativas é crescente. Nesse contexto, Bendassolli *et al.* (2009) compilaram uma série de definições, apresentadas no Quadro 2.

Quadro 2: DEFINIÇÕES DE INDÚSTRIAS CRIATIVAS

Definições	Referências
Atividades que têm a sua origem na criatividade, competência e talento individual, com potencial para a criação de trabalho e riqueza por meio da geração e exploração de propriedade intelectual. [...] As indústrias criativas têm por base indivíduos com capacidade criativas e artísticas, em aliança com gestores e profissionais da área tecnológica, que fazem produtos vendáveis e cujo valor econômico reside nas suas propriedades culturais (ou intelectuais).	DCMS (2005, p. 5)
A ideia de indústrias criativas busca descrever a convergência conceitual e prática das artes criativas (talento individual) com as indústrias culturais (escala de massa), no contexto de novas tecnologias midiáticas (TIs) e no escopo de uma nova economia do conhecimento, tendo em vista seu uso por parte de novos consumidores cidadãos interativos.	Hartley (2005, p.5)
Em minha perspectiva, é mais coerente restringir o termo ‘indústria criativa’ a uma indústria onde o trabalho intelectual é preponderante e onde o resultado alcançado é a propriedade intelectual.	Howkins (2005, p. 119)
[Indústrias criativas] produzem bens e serviços que utilizam imagens, textos e símbolos como meio. São indústrias guiadas por um regime de propriedade intelectual e [...] empurram a fronteira tecnológica das novas tecnologias da informação. Em geral, existe uma espécie de acordo que as indústrias criativas têm um <i>core group</i> , um coração, que seria composto de música, audiovisual, multimídia, <i>software</i> , <i>broadcasting</i> e todos os processos de editoria em geral. No entanto, a fronteira das indústrias criativas não é nítida. As pessoas utilizam o termo como sinônimo de indústrias de conteúdo, mas o que se vê cada vez mais é que uma grande gama de processos, produtos e serviços baseados na criatividade, mas que têm as suas origens em coisas muito mais tradicionais, como o <i>craft</i> , folclore ou artesanato, que estão cada vez mais utilizando tecnologias de <i>management</i> , de informática para se transformarem em bens, produtos e serviços de grande distribuição.	Jaguaribe (2006)

<p>“As indústrias criativas são formadas a partir da convergência entre as indústrias de mídia e informação e o setor cultural e das artes, tornando-se uma importante (e contestada) arena de desenvolvimento nas sociedades baseadas no conhecimento [...] operando em importantes dimensões contemporâneas da produção e do consumo cultural [...] O setor das indústrias criativas apresenta uma grande variedade de atividades que, no entanto, possuem seu núcleo na criatividade.</p>	<p>Jeffcutt (2000, p.123-124)</p>
<p>As atividades das indústrias criativas podem ser localizadas em um <i>continuum</i> que vai desde aquelas atividades totalmente dependentes do ato de levar o conteúdo à audiência (a maior parte das apresentações ao vivo e exposições, incluindo festivais) que tendem a ser trabalho-intensivas e, em geral, subsidiadas, até aquelas atividades informacionais orientadas mais comercialmente, baseadas na reprodução de conteúdo original e sua transmissão a audiências (em geral distantes) (publicação, música gravada, filme, <i>broadcasting</i>, nova mídia).</p>	<p>Cornforde Charles (2001, p. 17)</p>

Fonte: Bendassoli *et al.* (2009, p. 12).

Bendassoli *et al.* (2009) esclarecem que, apesar das diversidades de produções das Indústrias Criativas, todas incorporam criatividade a seu produto final, em um contexto em que a criatividade remete à capacidade de geração de ideias, conceitos ou formas artísticas originais e únicas e também está relacionada à habilidade de conectar ideias aparentemente não relacionadas para criar soluções ou narrativas inovadoras.

A criatividade é um tema amplamente discutido desde a Antiguidade Clássica, presente, por exemplo, nos tratados filosóficos (Pacheco, 2023). Contemporaneamente, encontra-se intrinsecamente ligada à inovação. Leitão (2023, p. 125) a reconhece como “uma espécie de antessala da inovação”. Para a autora, criatividade e inovação se fundem e se confundem, sobretudo em um mercado dominado pela transformação digital, em que a inovação conquistou maior centralidade, constituindo conceitos centrais quando se trata de setores criativos.

O termo criatividade se relaciona com o uso do patrimônio cultural e individual para gerar e criar valor e é uma abordagem que “remete intuitivamente à capacidade não só de criar o novo, mas de reinventar, diluir paradigmas tradicionais, unir pontos aparentemente desconexos e, com isso, equacionar soluções para novos e velhos problemas” (Reis, 2008, p. 15).

No campo econômico, a criatividade é um combustível renovável cujo estoque aumenta com o uso. Além disso, a concorrência entre agentes criativos, em vez de saturar o mercado, atrai e estimula a atuação de novos produtores. Portanto, a criatividade pode ser entendida como um processo mental que envolve a imaginação, a originalidade e o pensamento crítico, permitindo que uma pessoa desenvolva soluções únicas para desafios. Ela impulsiona a inovação, contribui para a adaptação à mudança e pode levar a avanços

significativos em diversas áreas, a novos modelos de desenvolvimento e a novas formas de pensar o crescimento econômico (Reis, 2008).

MÉTODO

O objetivo deste artigo é analisar a relevância dos setores criativos na Região Metropolitana do Vale do Paraíba e Litoral Norte (RMVPLN). Trata-se de uma pesquisa de cunho qualitativo, com atividade exploratória. O levantamento de dados foi delineado com base documental, a partir da base de dados do Instituto de Geografia e Estatística (IBGE), tendo como referência o ano de 2022 (Quadro 3).

Quadro 3: SETORES CRIATIVOS DA RMVPLN

CNAE*	Atividades	Códigos e Nomenclaturas (Seção da CNAE)
58 59 60 61 62 63	Edição integrada à impressão. Atividades cinematográficas, produção de vídeos e de programas de televisão, gravação de som e edição de música. Atividades de rádio, telecomunicações, serviços de tecnologia da informação.	J – Informação e Comunicação
71 72 73	Serviços de arquitetura, engenharia, testes e análise técnicas, pesquisa e desenvolvimento científico publicidade e pesquisa de mercado.	M – Atividades profissionais, científicas e técnicas.
90 91 92 93	Atividades artísticas, criativas e de espetáculos, ligadas ao patrimônio cultural e ambiental, esportivas e de recreação e lazer. Exploração de jogos de azar e apostas.	R – Artes, cultura, esporte e recreação

Fonte: IBGE, 2022

*Classificação Nacional de Atividades Econômicas

As seções J, M e R da CNAE foram utilizadas para designar as atividades que, agrupadas, conseguem espelhar melhor as atividades relacionadas aos setores criativos definidos nos estudos da FIRJAN (2022).

Para a realização da análise este estudo selecionou os municípios da RMVPLN que possuem uma população superior a 52.000 habitantes. Isso porque, em função de que algumas informações, quando disponibilizadas pelos órgãos públicos ou privados, levam em consideração municípios com até 50.000 habitantes.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A RMVPL traz em seu nome “Vale do Paraíba”, referência ao rio Paraíba do Sul, que atravessa a região e que concentra uma rica herança cultural, com influências indígenas, portuguesas e africanas, manifestadas em festas, tradições e na culinária típica.

O reconhecimento da RMVPLN se deu a 09 de janeiro de 2012, com a Lei Complementar nº 1.166. A região tem uma trajetória histórica de desenvolvimento regional, associada à urbanização e à industrialização, que foi favorecida pelos investimentos em logística e comunicação para integrar os dois principais polos de desenvolvimento econômico do Brasil: São Paulo e Rio de Janeiro, em meados do século XX (Vieira; Santos, 2023).

Outro fator relevante observado por Vieira e Santos (2023) se deve ao fato de que o desenvolvimento desta região está estritamente ligado à expansão do capitalismo brasileiro, por meio do acúmulo contínuo de bens materiais, em especial a partir da segunda metade do século XX.

As economias nacionais têm como meta o crescimento ilimitado do seu Produto Interno Bruto. No entanto, Vieira e Santos (2023) entendem que esse modelo de produção capitalista se apresenta em um momento de significativa insatisfação, o que justifica a busca por novos caminhos de desenvolvimento.

Na Tabela 1 estão apresentados a população, o PIB e o número de unidades empresariais de cada uma das sub-regiões que compõem a RMVPLN.

Tabela 1: DADOS RELATIVOS ÀS SUB-REGIÕES DA RMVPLN

Municípios	Cruzeiro					
São José dos Campos	Bananal					
Jacareí	Lavrinhas					
Caçapava Paraibuna	Silveiras					
Santa Branca	São José do Barreiro Areias					
Igaratá	Arapeí					
Jambeiro	Caraguatatuba					
Monteiro Lobato	Ubatuba					
Taubaté	São Sebastião					
Pindamonhangaba	Ilhabela					
Tremembé		Totais Fonte: IBGE, 2022.				
Campos do Jordão						
São Bento do Sapucaí						
São Luiz do Paraitinga						
	População	PIB	Empresas	% Popul.	% PIB	% Empr.
Santo Antônio do Pinhal	697.054	61.316	42.159	43,4%	19,0%	42,6%
Natividade da Serra	240.275	67.875	10.932			
Redenção da Serra	96.202	54.459	4.174			
Guaratinguetá	17.667	19.220	1.799			
Lorena	13.975	20.959	926			
Aparecida	10.605	24.937	815			
Cachoeira Paulista	6.397	51.685	690			
Cunha	4.138	17.521	665			
Potim	310.739	50.496	15.801	24,7%	18,0%	25,1%
Piquete Roseira	165.428	79.952	7.620			
Queluz Canas						

A Sub-região 3 também é constituída por dez municípios. Destacam-se dois deles pela expressividade religiosa, devido à presença de importantes locais de peregrinação católica: Aparecida, que abriga a Basílica de Nossa Senhora Aparecida, um dos principais santuários católicos do Brasil, e Cachoeira Paulista, sede da Canção Nova, uma das principais emissoras de televisão e rádio católicas do Brasil. Além disso, o município abriga a fábrica Santas Imagens, que produz imagens religiosas para todo o Brasil. Apesar dessas características, esses municípios não apresentam relevância no que se refere a população, PIB e número de empresas.

A população dessa sub-região participa com 13,8% do total de habitantes da RMVPLN, e Guaratinguetá é o principal município, com 4,7%, seguido por Lorena, com 3,4%. O PIB desta sub-região é de 17,1%, sendo que Guaratinguetá e Lorena aparecem na frente com 3,8% e 2,6% respectivamente. Já com relação ao número de empresas, Guaratinguetá aparece com 4,4% seguido por Cunha, com 2,8%.

Cunha está localizada na Serra do Mar e apresenta diversas atividades ligadas à natureza como trilhas, ecoturismo, caminhadas e outras. A atividade principal do município é o artesanato, em especial as cerâmicas, além de manter a tradição da cultura caipira com festas e eventos que celebram a música, a dança e a culinária local.

A Sub-região 4, também conhecida como “Fundo do Vale”, é formada por sete municípios, localizados nas proximidades da divisa com o Estado do Rio de Janeiro, sendo Bananal o último em território paulista. Essa sub-região apresenta a menor participação em todos os índices das cinco sub-regiões, com população de 4,3%, PIB de 8,3% e o número de empresas 4,3%. O município de Cruzeiro detém a liderança das três características, com população 3% e PIB e número de empresas 2,3%.

A sub-região 5 é formada por municípios que pertencem ao Litoral Norte do Estado de São Paulo. Com relação à população representa 13,7% do total da região, com destaque para o município de Caraguatatuba, com 5,4%, seguido por Ubatuba, com 3,7%. É a sub-região com o melhor PIB, com uma participação de 37,5%, destacando-se os municípios de Ilhabela e São Sebastião, com 23,1% e 10,5% respectivamente. Com relação ao número de empresas, Caraguatatuba aparece com 4,7% e Ubatuba com 4,1% do total.

Na Tabela 2 estão relacionados os municípios que serão analisados quanto à criação de unidades empresariais dos setores criativos.

Tabela 2: MUNICÍPIOS DA RMVPLN COM POPULAÇÃO ACIMA DE 52.000

HABITANTES	Municípios	População	PIB	<u>Empresas</u>
697.054	São José dos Campos	61.316	42.159	

Taubaté	310.739	50.496	15.801
Jacareí	240.275	67.875	10.932
Pindamonhangaba	165.428	79.952	7.620
Caraguatatuba	134.873	36.202	6.916
Guaratinguetá	118.044	63.948	6.476
Caçapava	96.202	54.459	4.174
Ubatuba	92.981	29.153	5.979
Lorena	84.855	43.299	3.798
São Sebastião	81.595	174.696	5.115
<u>Cruzeiro</u>	<u>74.961</u>	<u>38.390</u>	<u>3.419</u>
Total	2.097.007	699.786	112.389
Participação	83,7%	41,9%	77,0%

Fonte: IBGE, 2022

A força da RMVPLN está concentrada nos municípios situados às margens da Rodovia Presidente Dutra (Vieira; Santos, 2023), fato que veio a favorecer o crescimento populacional desses municípios. Os dados da população aqui apresentados estão atualizados de acordo com o último Censo, realizado em 2022. Porém os dados referentes ao PIB *per capita* referem-se ao ano de 2021, conforme publicado no *site* do IBGE (2022).

Destaca-se a importância dos municípios aqui listados, que acumulam uma população de 2.097.007 habitantes, com uma participação expressiva de 83,7% do total populacional da RMVPLN. A média do PIB *per capita* dos municípios é de R\$ 63.617,00, liderado principalmente pelos municípios de São Sebastião e Pindamonhangaba.

Observa-se também o nível populacional de São José dos Campos, que concentra 33,2% da população, seguido por Taubaté, com 14,8% e Jacareí, com 11,5%. O volume populacional pode trazer benefícios, como a expansão da economia pela demanda por bens e serviços, impulsionando o crescimento econômico. A força populacional também está presente na sua capacidade política, participativa e consciente, tornando-se um potencial transformador.

Com relação à quantidade de unidades empresariais, nos 11 municípios aqui destacados tem-se uma participação de 77% do total, perfazendo 112.389 empresas, sendo que São José dos Campos concentra 37,5% e Taubaté 14,1% das empresas.

Na sequência, o estudo faz uma análise da participação dos setores criativos nesses municípios, conforme os dados da Tabela 3.

Tabela 3: INFORMAÇÕES DOS SETORES CRIATIVOS DOS MUNICÍPIOS DA RMVPLN

Municípios/ Setores Criativos CNAE	J	M	R	Total	Total Empresas	% SC	% TE
São José dos Campos	2.207	2.006	506	4.719	42.159	46,9%	11,2%
Taubaté	369	554	251	1.174	15.801	11,7%	7,4%
Jacareí	384	368	166	918	10.932	9,1%	8,4%
Pindamonhangaba	157	241	112	510	7.620	5,1%	6,7%
Caraguatatuba	113	380	137	630	6.916	6,3%	9,1%
Guaratinguetá	98	156	105	359	6.476	3,6%	5,5%
Caçapava	90	95	70	255	4.174	2,5%	6,1%
Ubatuba	81	258	115	454	5.979	4,5%	7,6%
Lorena	83	230	58	371	3.798	3,7%	9,8%
São Sebastião	87	265	134	486	5.115	4,8%	9,5%
Cruzeiro	73	73	44	190	3.419	1,9%	5,6%
Totais	3.742	4.626	1.698	10.066	112.389		9,0%
São Paulo	148.589	266.504	40.275	455.368	3.539.337	12,9%	
Brasil	315.769	783.517	149.709	1.248.995	9.431.239	13,2%	

Fonte: IBGE, 2022

Os municípios da RMVPLN concentram 10.066 unidades empresariais ligadas aos setores criativos. Sendo assim, 9% do total das 112.389 empresas desses municípios estão voltadas a esse setor. No Estado de São Paulo esse indicador é de 12,9% com 455.368 empresas e no Brasil são 1.248.995 empresas com participação no referido setor, representando 13,2%.

Analisando-se individualmente os dados dos municípios, percebe-se a superioridade de São José do Campos. O município tem 42.159 empresas, sendo 11,2% voltadas ao segmento criativo. Importante apontar também que das 10.066 empresas que atuam no setor criativo, 46,9% estão em São José dos Campos e apenas 11,7% no município de Taubaté.

Alguns fatores contribuem para essa superioridade. O município de São José dos Campos conta com um Parque de Inovação Tecnológica (PIT-SJC), institucionalizado em 2009. Além disso, a TV Vanguarda, importante canal de transmissão de notícias regionais, afiliada à TV Globo, tem uma sede no município. Ambos são importantes aliados do município para a geração de empresas ligadas ao setor de informação e comunicação, além de atrair diversas outras unidades da área.

Moreira Neto, Costa e Zanetti (2021, p.17) apontam que tanto São José dos Campos como Taubaté “tiveram seus momentos de destaque na economia brasileira”. Porém, São José dos Campos se beneficiou melhor com as políticas de desenvolvimento do Estado ao abrigar empresas vinculadas à pesquisa e ao desenvolvimento tecnológico, com destaque para a implantação do Centro Técnico de Aeronáutica (CTA), em 1950 (Moreira Neto; Costa; Zanetti, 2021). O município também é sede da Embraer, uma das maiores fabricantes de aeronaves do mundo e abriga também unidades de pesquisa da Boeing e da Airbus. Já no setor de tecnologia sedia empresas como Ericsson, Philips e Johnson & Johnson, que favorecem grandemente seu desenvolvimento.

Também relevante é a presença de importantes universidades no município, como o Instituto Tecnológico de Aeronáutica (ITA), que tem reconhecimento internacional, a Universidade Estadual de São Paulo (UNESP), a Universidade Paulista (UNIP), a Universidade do Vale do Paraíba (UNIVAP), a Faculdade de Tecnologia de São Paulo (FATEC), entre outras (São José dos Campos, 2025).

Na região, a presença da Universidade de Taubaté (UNITAU) e de outras instituições de ensino favorecem os bons indicadores, em especial os ligados aos setores criativos, pois a Educação e o conhecimento acumulado são fatores imprescindíveis para o surgimento e o desenvolvimento de empresas nessa área

Outras contribuições importantes para o desempenho desse setor na RMVPLN vêm dos municípios situados na Sub-região 5, como Caraguatatuba, Ubatuba e São Sebastião. Por serem territórios litorâneos, a presença de indústrias de transformação se torna irrelevante, enquanto setores voltados a serviços, comunicação, cultura, arte e lazer são mais propícios. Observa-se em Caraguatatuba que, do total de 6.916 empresas, 630 são ligadas

aos setores criativos, ou seja, uma participação de 9,1%. O mesmo ocorre em São Sebastião, com uma representabilidade de 9,8% e Ubatuba, com 7,6%.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das diversas transformações que vêm ocorrendo no país, observa-se a necessidade de buscar novas formas de desenvolvimento econômico e regional que assegurem a preservação dos meios naturais e que reduzam as desigualdades entre as regiões. Nesse sentido, a Economia Criativa se apresenta como um meio possível e viável; portanto, entender o desenvolvimento dessa economia a partir dos setores criativos torne-se parte importante das agendas, devido à urgência de alternativas ao desenvolvimento descontrolado.

O objetivo deste artigo foi analisar a relevância dos setores criativos da economia na Região Metropolitana do Vale do Paraíba e Litoral Norte (RMVPLN). Para tanto, foi realizada uma revisão bibliográfica sobre o tema e efetuado um levantamento documental na base de dados do IBGE - 2022.

Os resultados evidenciaram que os setores criativos vêm se destacando na região, com 145.959 empresas, sendo que 28,9% estão localizadas no município de São José dos Campos, 10,8% em Taubaté e 7,5% em Jacareí. São José dos Campos é o município que mais se destaca na região, pois além de abrigar 27,8% da população total da RMVPLN, tem os melhores indicadores de participação nesse setor. A presença de um importante Parque de Inovação Tecnológico, do Instituto Tecnológico de Aeronáutica e de empresas voltadas para segmentos de alta tecnologia, além de importantes universidades no município, contribui sobremaneira para que os segmentos desse setor tenham relevância no território e na região, pois na era do conhecimento e da tecnologia, educação e ciência, devem ser vistos como base estrutural que propiciem uma sociedade soberana ou menos dependente e mais participativa.

Também é relevante a participação dos municípios do Litoral Norte. Caraguatatuba, Ubatuba e São Sebastião representam juntos 13,9% das empresas dos setores criativos da RMVPLN, com uma população de 134.873 habitantes, com uma participação de 13,7% do total da RMVPLN. Considerando que se trata de apenas três municípios, os indicadores são expressivos.

Espera-se que este estudo contribua com informações para outros pesquisadores que estejam interessados em aprofundar a análise sobre os setores criativos da economia, em especial na RMVPLN.

REFERÊNCIAS

- BENDASSOLLI, Pedro F. *et al.* Indústrias Criativas: Definição, Limites e Possibilidades. **Fórum RAE**, São Paulo, v. 49, n. 1 jan./mar. 2009.
- BOTELHO, I. Criatividade em pauta: alguns elementos para reflexão. *In:* BRASIL. Ministério da Cultura. **Plano da Secretaria da Economia Criativa: políticas, diretrizes e ações**, 2011-2014. Brasília: Ministério da Cultura, 2011.
- BRASIL. Ministério da Cultura. **Plano da Secretaria da Economia Criativa: políticas, diretrizes e ações 2011-2014**. Brasília: MinC, 2011. Disponível em: <http://goo.gl/6BTJGF>. Acesso em: 02 out. 2024.
- CAPRA, F.; LUISI, P. L. **A Visão sistêmica da vida: uma concepção unificada e suas implicações filosóficas, políticas, sociais e econômicas**. São Paulo: Cultrix, 2014.
- CONFERÊNCIA DAS NAÇÕES UNIDAS SOBRE O DESENVOLVIMENTO (UNCTAD). **Relatório de Economia Criativa**. 2010. Disponível em: https://unctad.org/pt/docs/ditctab_pdf. Acesso em: 13 nov. 2024.
- DUISENBERG, E. dos S. Economia Criativa: uma opção de desenvolvimento viável? *In:* REIS, A. C. F. **Economia Criativa como estratégia de desenvolvimento: uma visão dos países em desenvolvimento**. São Paulo: Itaú Cultural, 2008.
- FAVARETO, A. Multiescalaridade e multidimensionalidade nas políticas e nos processos de desenvolvimento territorial – acelerar a transição de paradigmas. *In:* SILVEIRA, R. L.; DEPONTI, C. M. (ed.). **Desenvolvimento regional: processos, políticas e transformações territoriais**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2020.
- FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO (FIRJAN). **Mapeamento da Indústria Criativa no Brasil**. Rio de Janeiro: FIRJAN, 2022. Disponível em: <http://publicacoes.firjan.org.br> Acesso em 13 fev.2025.
- FURTADO, C. **A nova dependência: dívida externa e monetarismo**. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo 2022**. 2022. Disponível em: <https://censo2022.ibge.gov.br/pt/censo-2022-inicio.html?lang=pt-BR>. Acesso em: 05 dez. 2024.
- LEITÃO, C. S. **Criatividade e emancipação nas comunidades-rede: contribuições para uma economia criativa brasileira**. São Paulo: Itaú Cultural; WMF Martins Fontes, 2023.
- LEITÃO, C. S. Sonhar mundos e pactuar princípios. *In:* LEITÃO, C. S. (org.). **Criatividade e emancipação nas comunidades-rede: contribuições pra uma economia criativa brasileira**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2023.

MOREIRA NETO, P.R.; COSTA, A.C.G.; ZANETTI, V.R. Políticas de desenvolvimento nacional e impactos regionais: um estudo sobre São José dos Campos e Taubaté. **Redes**, Santa Cruz do Sul, v.26, 2021, ISSN 1982-6745 Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/redes/article/view/15606> Acesso em: 13 nov. 2024.

PACHECO, A.P.C. **A Economia Criativa no Brasil**: conceitos, políticas públicas e desenvolvimento. 2. ed. São Paulo: Dialética, 2023.

REIS, A. C. F. **Economia Criativa como estratégia de desenvolvimento**: uma visão dos países em desenvolvimento. São Paulo: Itaú Cultural, 2008.

REIS, A. C. F. **Cidades Criativas**: análise de um conceito em formação e da pertinência de sua aplicação à cidade de São Paulo. 2012. Tese (Doutorado em Planejamento Urbano e Regional) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. Disponível em: doi:10.11606/T.16.2012.tde-08042013-091615. Acesso em: 14 fev. 2024.

SÃO JOSÉ DOS CAMPOS. 2025. Prefeitura Municipal de São Jose dos Campos. **Parque de inovação tecnológica**. Disponível em <https://www.sjc.sp.gov.br/servicos/inovacao-edesenvolvimento-economico/tecnologia/parque-de-inovacao-tecnologica/> Acesso em: 14 abr. 2025.

VIEIRA, E. T.; SANTOS, M. J. dos. A desindustrialização brasileira: a inserção precária do brasil no processo de globalização. **Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional**, [S. l.], v. 18, n. 2, 2022. DOI: 10.54399/rbgdr.v18i2.6603. Disponível em: <https://www.rbgdr.net/revista/index.php/rbgdr/article/view/6603>. Acesso em: 24 abr. 2024.